

# HISTÓRIA ORAL COMO PROCESSO GERADOR DE DADOS<sup>1</sup>

Alexander Freund<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo descreve como usar histórias orais (arquivadas) como processo gerador de dados. Ele explica como cientistas sociais podem localizar e usar esses dados de uma forma esclarecida e avaliar as qualidades de tais dados de forma sistemática e eficaz. O artigo descreve história oral como método e como forma de fonte ou de dados. Ele examina os aspectos da história oral que afetam a análise de dados e interpretação, incluindo a forma do projeto, tecnologia de gravação, estratégias de entrevista e habilidades ou treinamento do entrevistador, relacionamento entre entrevistado e entrevistador, construção dialógica da fonte, aspectos legais e éticos, resumos e transcrições, oralidade das fontes e a importância de ouvir tais fontes. O artigo, então, problematiza o uso de histórias orais como *evidência*, discutindo subjetividade, memória, retrospectividade, narratividade e exploração dos significados, valores e validade deste tipo de dados.

**Palavras-Chave:** História; História Oral; metodologia histórica; fontes históricas; memória; arquivo de Histórias Oraís; fontes digitais; subjetividade; retrospectividade; narratividade; tecnologia de gravação; entrevistas e métodos interpretativos.

## ORAL HISTORY AS PROCESS-GENERATED DATA

**Abstract:** This article describes how to use (archived) oral histories as process-generated data. It explains how social scientists may locate and use such data in an informed way and assess the qualities of such data systematically and effectively. The article describes oral history as a method and as form of source or data; it surveys aspects of oral history that affect data analysis and interpretation, including project design, recording technology, interview strategies and interviewer skills/training, interviewee-interviewer relationship, the dialogic construction of the source, legal and ethical aspects, summaries and transcriptions, the orality of the sources and the importance of listening to sources. The article then problematizes the use of oral histories as evidence by discussing subjectivity, memory, retrospectivity, and narrativity and exploring the meanings, values, and validity of this kind of data.

**Keywords:** History; Oral History; historical methodology; historical sources; memory; Orals History archives; digital sources; subjectivity; retrospectivity; narrativity; recording technology; interviews and interpretative methods.

---

<sup>1</sup> Tradução: Jaqueline Barbosa. Revisão da tradução: Méri Frotscher. Artigo originalmente publicado em *Historical Social Research*, v. 34, n. 1, p. 22-48, 2009. Tradução para o português e sua publicação na revista *Tempos Históricos* autorizadas pelo autor.

<sup>2</sup> University of Winnipeg. Professor titular da Cátedra German-Canadian Studies. Editor da revista da Associação Canadense de História Oral, Oral History Forum d'Histoire Orale. E-mail: a.freund@uwinnipeg.ca

## Introdução

A História Oral não é convencionalmente considerada como um processo gerador de dados, porque é o pesquisador (o historiador oral ou entrevistador) que identifica os sujeitos da pesquisa (entrevistados, narradores, informantes, parceiros de entrevista, testemunhas ou *Zeitzeugen*) e realiza entrevistas para abordar questões e problemas de pesquisas específicas. Por isso, se pode descrever este tipo de história oral como dados gerados pelo pesquisador (em oposição a processo gerador de dados). História oral, no entanto, é mais do que isso. Um grande número de histórias orais foram criadas como fontes primárias para outros pesquisadores, e não, como fontes para responder a problemas específicos de pesquisa. Por exemplo, os arquivistas têm criado histórias orais a fim de "equilibrar" as suas coleções, com fontes produzidas por grupos sub-representados. E os grandes centros de histórias orais, nos Estados Unidos, foram fundados como arquivos para as histórias orais que eles criaram. Se recolhidos para um projeto específico ou um arquivo, o que faz das entrevistas histórias orais - e o que distingue a história oral de entrevistas qualitativas, realizadas em outras disciplinas - é que histórias orais são acessíveis a outros investigadores através de suas deposições em repositórios públicos (RITCHIE, 2003: 24). Considerando o seu eventual arquivamento, a entrevista é gravada, normalmente, em (alta resolução) áudio ou mídia de vídeo, muitas vezes são resumidas, e, às vezes, transcritas. Embora este ideal de arquivamento não seja sempre conhecido, por mais de meio século a ideia de arquivamento das entrevistas tem sido um princípio fundamental da prática de história oral. Assim, existe agora um vasto arquivo global de histórias orais, previamente produzidas, que os pesquisadores podem usar para resolver questões de investigações próprias. Estas entrevistas, realizadas por outros pesquisadores, podem ser consideradas como dados gerados em processo, semelhantes aos produzidos para outros fins que não os que o pesquisador tem à mão.

O segredo - e este é o ponto principal deste artigo - é encontrar formas para obter informação fora desses dados para os fins próprios de cada um. Conhecer a natureza de fontes de história oral, bem como o método e discurso teórico sobre esta história, oferece um caminho para um uso mais eficiente e eficaz de entrevistas. Este artigo descreve, portanto, a história oral como fonte e método e fornece uma introdução aos debates teóricos nesse campo de trabalho. A ideia principal a se ter em mente, ao ler a seguinte visão geral, é: a fim de fazer pleno uso de histórias orais, vale a pena entendê-las não apenas como fontes para se extrair fatos (dados), mas sim como construções

sociais complexas que são inerentemente subjetivas e, assim, oferecer múltiplas camadas de significado. Alessandro Portelli, um dos mais renomados historiadores orais, expressou-se talvez melhor, quando disse que histórias orais, "nos dizem não apenas o que as pessoas fizeram, mas o que elas queriam fazer, o que elas acreditavam que estavam fazendo, o que elas pensam agora sobre o que fizeram" (1981: 100).

Para fins deste artigo, vou chamar histórias orais utilizadas dessa maneira secundária como "história oral gerada em processo" (PGOH), mas devo observar que este termo não é usado na literatura sobre a história oral. Ao referir-me ao uso convencional da história oral, bem como o seu método, vou simplesmente falar da história oral, como é comumente feito em campo. Quando me refiro a documentos de história oral, usarei os termos como sinônimos da mesma, documento oral histórico, entrevista, entrevista de história de vida, narrativa de vida, ou até história de vida para indicar a grande variedade de métodos na criação de documentos de história oral que indicam a diversidade de tipos de dados que são gerados através de tais métodos. Um historiador americano de histórias orais, Valerie Yow (2005: 3-4), acrescentou também que "auto relato, narrativa pessoal, história de vida, biografia oral, memórias, testamento", bem como "entrevistas mais substanciais, memórias gravadas em vídeo e áudio, história e narrativa de vida, para uma variedade de termos utilizados em diferentes disciplinas, tudo isso "implica que há mais alguém envolvido, que enquadra os temas e inspira o narrador a começar o ato de lembrar, refrescar a memória, registrar e apresentar as palavras do narrador."

Embora a *tradição* oral seja frequentemente coletada no processo de condução de histórias orais, esta forma de evidência oral não é abordada no presente trabalho, em parte, porque o campo da história oral ainda não abordou sistematicamente sua relação com a tradição oral. Para esclarecer: A história oral está preocupada com a coleta de estórias sobre a experiência própria do sujeito. A tradição oral é uma forma de conhecimento histórico que é transferida, oralmente, de uma geração para a seguinte, através de narração de histórias e outras formas de comunicação oral. A seguir, descrevo primeiro a história e o método da história oral e os dados que são produzidos por este método (II). Então, descrevo as características da história oral como processo gerador de dados, e apresento alguns dos problemas com estes tipos de dados (III). Nas seções seguintes, discuto com mais detalhes algumas das oportunidades, desafios e limites da história oral como processo gerador de dados (IV-VII). Durante todo o tempo, eu usei um estudo de caso específico para esclarecer meus argumentos.

## II. História Oral como dados gerados pela pesquisa

Os manuais padrão de história oral, produzidos principalmente para um público de leitura na língua inglesa, são baseados, principalmente, em trabalho empírico no Ocidente, gostam de traçar a história da história oral remontando aos "escribas da dinastia Zhou na China", há cerca de 3.000 anos atrás (RITCHIE, 2003: 19) e, especialmente, a Tucídides e Heródoto, que se basearam em entrevistas com testemunhas e portadores da tradição oral (THOMPSON, 2000: 31; RITCHIE, 2003: 20; YOW, 2005: 2; confira também em SHARPLESS, 2006: 19-20). Com a invenção do fonógrafo, em 1877, deu-se aos estudiosos meios para gravar as vozes de seus informantes. Folcloristas americanos e canadenses foram os primeiros a usar tais dispositivos para gravar músicas e tradições orais de povos indígenas. Durante a Grande Depressão, vários projetos norte-americanos gravaram histórias, músicas e folclore e, durante a década de 1940, os correspondentes de guerra da Corporação de Radiodifusão Canadense e de outras estações de rádio levaram gravadores para os campos de batalha da Europa (FREUND, 2009; MORRISSEY, 1980; SHARPLESS, 2006: 21-22).

A prática moderna de história oral é comumente vista como tendo surgido no Centro de Pesquisas de História Oral da Columbia University, criado pelo historiador Allan Nevins, em 1948. Ele entrevistou as elites políticas, econômicas, culturais e acadêmicas dos Estados Unidos (com foco na cidade de Nova York). Nevins observou que um número cada vez maior da elite se comunicava mais por meio do telefone. Assim, não havia dúvidas da importância da decisão, tomada pelos historiadores, de estudar tal processo. Ele notou que o estilo de vida agitado da modernidade impedia a elite masculina de escrever suas extensas correspondências e memórias. Para compensar essa perda, ele começou a realizar entrevistas intensivas e semi-estruturadas (NEVINS, 1966). Como a tecnologia de gravação estava em seus primórdios, os meios de comunicação de áudio eram frequentemente reutilizados ou destruídos após terem sido transcritos (POGUE, 1980: 95). As práticas, na Columbia University, levaram à convicção de que a edição e as transcrições anotadas, verificadas e aprovadas pelo entrevistado, eram a fonte primária. Esta prática da Columbia University levou à convicção de que as transcrições editadas e comentadas aprovadas pelos entrevistados eram a fonte primária. Deu-se continuidade a essa prática mesmo quando gravadores de carretel foram aperfeiçoados e a introdução do gravador com fita cassete feito para o mercado de massa tornou acessível e possível a preservação das gravações de áudio originais. Finalmente, a Columbia University e outros centros de pesquisa decidiram

arquivar as gravações de áudio. No Canadá, radiojornalistas e arquivistas estavam na vanguarda desta nova metodologia, e decidiram levar em conta as gravações como fontes originais que precisavam ser arquivadas.

Com a grande disponibilidade de tecnologia de gravação na década de 1960 e o crescente interesse na história social, um número crescente de pesquisadores, dentro e (cada vez mais frequentemente) fora da academia, conduziram entrevistas para descobrir as experiências de mulheres, trabalhadores, imigrantes, povos indígenas e outros grupos marginalizados e oprimidos, os quais queriam "acrescentar à história". Muitos desses pesquisadores trabalharam com pouquíssimo dinheiro e, muitas vezes, não tinham os recursos para transcrever as centenas e milhares de horas de gravações. Isto levou a novas posições teóricas: Alguns argumentaram que uma transcrição não era necessária porque a gravação de áudio era a fonte original e que a transcrição, se tivesse algum valor, era apenas uma versão imperfeita da fonte original. Ao mesmo tempo, outros investigadores desenvolveram cada vez mais métodos refinados de transcrição. Enquanto historiadores orais não desenvolveram ou utilizaram códigos como aqueles usados nas ciências sociais qualitativas ou na linguística, discutiram o quanto a edição era legítima e fizeram experimentos por meio de formas de transcrição poéticas e musicais (BAUM, 1981; WILMSEN, 2001). Os arquivistas queixavam-se de que os pesquisadores não ouviriam as gravações de áudio se elas tivessem transcrições, mas eles sequer usariam as histórias orais se não houvesse transcrições. Ao mesmo tempo, arquivistas e bibliotecários não tem facilitado as coisas para que os pesquisadores possam utilizar as gravações (SMITH et al., 2004: 10).

Houve outra grande mudança durante os anos 1970. Nevins e seus colegas, muitas vezes, produziram entrevistas sem qualquer projeto específico em mente. O maior objetivo era criar uma fonte de arquivo que pudesse ser utilizada por uma grande variedade de pesquisadores (e o uso intenso da coleção de história oral da Columbia University certamente lhes deu razão para estabelecer essas metas). A partir da década de 1960 em diante, pesquisadores, frequentemente, realizaram entrevistas de história oral para encontrar respostas a perguntas específicas. Aqui estou introduzindo o estudo de caso que continuará sendo mencionado por todo o artigo. O historiador Arthur Grenke entrevistou 65 imigrantes alemães em Winnipeg, Manitoba, no início dos anos 1970, para saber mais sobre sua comunidade na primeira metade do século, depois da fundação de Winnipeg no início da década de 1870. Ele localizou os entrevistados com a ajuda de igrejas alemãs, clubes e por meio de outros entrevistados. Ele também tinha

contactado alemães conceituados, mencionados em jornais. Grenke gravou as entrevistas em fitas cassete e as depositou no Museu de Manitoba, em Winnipeg. As entrevistas não foram transcritas, mas tópicos foram criados e cópias de fitas cassete estavam disponíveis para a audição no local ou para aquisição. Grenke utilizou as entrevistas para sua tese sobre a formação e desenvolvimento precoce da comunidade alemã de Winnipeg entre 1872 e 1919 (GRENKE, 1975). Seu trabalho é um exemplo típico de história oral como um meio para "preencher as lacunas", numa tentativa sempre em expansão de reconstruir o passado. Para projetos acadêmicos, tais como teses, dissertações, artigos e livros, bem como para publicações não acadêmicas, a história oral tem sido bastante usada como uma fonte, entre muitos outros tipos. Na verdade, Grenke baseou-se principalmente em estatísticas, artigos de jornais e outros documentos escritos.

Eu estava interessado nessas entrevistas para desenvolver um tema completamente diferente: As formas com que os teuto-canadenses lidaram com o passado nazista após 1945. Enquanto a minha própria pesquisa se concentra na Alemanha pós-segunda Guerra Mundial e nos imigrantes, seus filhos e netos, eu queria incluir os imigrantes pré-guerra em minha pesquisa, a fim de olhar para as diferenças e semelhanças e, assim, melhor contextualizar e compreender as percepções dos imigrantes do pós-guerra e suas experiências. Minha suposição era de que, mesmo sabendo que as entrevistas foram feitas para um projeto sobre uma época anterior a 1920, os entrevistados - pelo menos se um entrevistador entrevistado desse a oportunidade - não falariam sobre os anos do pós-guerra, porque essa foi a época em que as entrevistas foram realizadas. Outra razão pela qual eu estava interessado nessas entrevistas era que elas haviam sido conduzidas antes que o discurso público no Canadá se deslocasse da Segunda Guerra Mundial para o Holocausto (FREUND, 2006, 2008; NOVICK, 1999). Estas primeiras entrevistas me forneceram uma oportunidade diferente para que eu pudesse obter uma visão mais apurada sobre uma percepção teuto-canadense daquele período.

### **III. História Oral processo gerador de dados (PGOH)**

Durante o último século, os historiadores orais criaram um enorme arquivo global de fontes e dados. O mais conhecido talvez seja o da Fundação Shoah, de Steven Spielberg, e seu Arquivo Histórico Visual de 52.000 entrevistas em vídeo com os

sobreviventes do Holocausto. Outros grandes repositórios incluem arquivos nacionais, bibliotecas e centros. O Arquivo Nacional de Cingapura, por exemplo, guarda cerca de 16.000 horas de gravações de história oral. A sala de Pesquisa de História Oral da Columbia University tem cerca de 8.000 histórias orais, muitas delas com dezenas de longas horas gravadas, compondo quase um milhão de páginas de transcrição. A Sociedade de História Multicultural de Ontário (Canadá) coletou 3.871 entrevistas com pessoas de mais de 50 grupos etnoculturais, o que compreende apenas uma das 1.840 coleções de história oral indexadas no *Guide to Oral History Collection in Canada* (Guia de Coleções de História Oral do Canadá) (FORTIER, 1993). Cerca de 1.500 entrevistas estão guardadas no Instituto de História e Biografia da Universidade à Distância em Hagen (Alemanha).

Não obstante, os pesquisadores têm sido relutantes em usar entrevistas de outras pessoas. Estão sempre ansiosos para sair e conduzir suas próprias entrevistas, apesar da história oral ser um método de pesquisa extremamente trabalhoso. Quando pesquisadores usam histórias orais de outros pesquisadores, o que não é comum, eles na maioria das vezes só usam as transcrições (como é o caso, por exemplo, da Columbia University), ou apenas só os resumos (como é o caso, muitas vezes, da Sociedade de História Multicultural). Raramente eles se esforçam e escutam (ou assistem) a entrevista.

No entanto, tempo e tecnologia estão mudando essa dinâmica. Há uma riqueza de material de história oral sobre períodos sobre os quais hoje é impossível conduzir novas entrevistas, porque as testemunhas já não estão mais vivas. Todos os ex-escravos dos Estados Unidos hoje estão mortos, assim como quase todos os pioneiros do Oeste Americano e canadense e quase todos os veteranos da Primeira Guerra Mundial. Agora temos que confiar em entrevistas realizadas por gerações anteriores de pesquisadores. Para minha própria pesquisa sobre as memórias dos teuto-canadenses da época nazista, eu não posso mais entrevistar alemães que imigraram para o oeste canadense antes da Primeira Guerra Mundial. Mas eu tenho acesso a entrevistas que Art Grenke realizou em 1971. Ao mesmo tempo, arquivos de histórias orais proporcionaram uma visão sobre a época de sua produção. Assim, as entrevistas de Grenke me ajudaram a entender como teuto-canadenses lutaram com o passado nazista, no início dos anos da década de 1970, enquanto cerca de 300 entrevistas com teuto-canadenses realizadas pela Sociedade de História Multicultural de Ontário, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 e no final da década de 1990, me ajudaram a entender a maneira

como teuto-canadenses lidavam com o passado nazista em outros momentos. Nos próximos anos, um número crescente de historiadores e outros pesquisadores se voltarão a estas fontes para responder tais questões.

Há outra razão pela qual os pesquisadores cada vez mais se voltam para a história oral produzida por outros pesquisadores – e porque cada vez mais irão ouvi-las, ao invés de depender exclusivamente de transcrições ou resumos. A razão é a tecnologia digital. Em 2018, a Biblioteca Nacional da Austrália planeja ter todas as 45.000 horas de materiais de som on-line (Biblioteca Nacional da Austrália, 2008; AYRES et al. 2006). A Fundação Shoah já tem todas as suas entrevistas digitalizadas, indexadas e disponibilizadas em centros de pesquisa ao redor do mundo (USC, 2008). Assistir às entrevistas é o único meio pelo qual esta enorme coleção pode ser usada - não há resumos ou transcrições. A Biblioteca do Congresso disponibilizou milhares de horas de entrevistas on-line, datando a 1932 (Biblioteca do Congresso, 2008). O Gabinete Regional de História Oral da Universidade da Califórnia (Berkeley) tornou parte da sua coleção disponível através do iTunes e do próprio site do YouTube da universidade. Em todo o mundo, fundações públicas e privadas investem na digitalização de coleções de história oral. A Andrew W. Mellon Foundation, recentemente, deu à Columbia University mais de 370.000 dólares para digitalizar parte (embora uma parte muito pequena) de sua coleção de história oral. Este esforço faz com que as entrevistas de história oral tenham um acesso muito mais fácil. No início, os pesquisadores evitavam ouvir fitas cassete, não só porque era mais demorado do que procurar por transcrições ou resumos, mas também porque os repositórios tinham apenas meios limitados para tornar essas fitas acessíveis, desencorajando, assim, a sua utilização (SMITH et al 2004: 10). O acesso via computadores - seja através da internet ou em estações seguras de trabalho off-line em bibliotecas - está se tornando cada vez mais fácil e mais conveniente e, portanto, convida o pesquisador a ouvir as várias entrevistas, ou pelo menos a “dar uma escutada”, de forma rápida, algumas das entrevistas.

Contudo, usar histórias orais realizadas por outros pesquisadores consome - apesar da digitalização – um tempo longo do processo de pesquisa. Para os cientistas sociais interessados em usar PGOH, saber algo sobre o método de pesquisa da história oral empregado ajuda a usar, de forma mais eficaz e eficiente, histórias orais como fontes. Historiadores orais têm desenvolvido normas e procedimentos metodológicos específicos que afetam a natureza e a qualidade da entrevista de história oral. Isso inclui a concepção do projeto e do processo real da entrevista (e aqui eu vou incluir pré e pós-



produção, embora estes geralmente sejam analisados separadamente, a partir das técnicas reais de entrevista reais), tecnologia e mídia de gravação, a relação entrevistador-entrevistado, as dimensões éticas e legais da história oral, e as formas de entrevista e estratégias. Sabemos, então, que esses procedimentos e padrões ajudam os cientistas sociais a avaliar os projetos de outros pesquisadores e a decidir se vão usar e como vão usar o PGOH.

### **Conceituação do projeto**

Projetos de história oral - quer realizados para um projeto de pesquisa específico ou para expandir uma coleção de arquivos - são produzidos em várias etapas: a pré-fase de produção, a fase de produção e a fase de pós-produção. A pré-fase de produção inclui as etapas de conceituação, pesquisa e preparação para a entrevista. O estágio de produção consiste na entrevista propriamente dita. A fase de pós-produção inclui o contato permanente com os entrevistados, o processamento da entrevista para a deposição de arquivo, e, no caso da investigação específica de projetos, análise e interpretação. De acordo com a Associação Americana de História Oral, os projetos devem sempre seguir um princípio básico: "Independentemente do propósito das entrevistas, a história oral deve ser realizada com espírito de investigação crítica e de responsabilidade social e com o reconhecimento da interação e da iniciativa da natureza do sujeito." (Associação de História Oral, 2002). Se todas essas etapas forem concluídas, como sugerido por vários guias de história oral (RITCHIE, 2003; YOW, 2005), o projeto de história oral estará pronto para ser utilizado por outros investigadores também.

Infelizmente, em muitos casos, a realidade se difere do ideal proposto. Tempo, dinheiro e habilidades limitam o que pode ser realizado em um projeto de história oral, o qual, às vezes, acontece de ser excessivamente ambicioso. Às vezes, historiadores orais iniciantes querem realizar o maior número de entrevistas possíveis e deixam muito pouco tempo e dinheiro para a fase da pré e pós-produção. Os resultados finais de histórias orais são, muitas vezes, mal concebidos, mal gravados, mal conduzidos e mal documentados e limitados para a utilização de outros pesquisadores. Isso tudo parece tão fácil: você compra um gravador em uma loja de eletrônicos localizada nas imediações, encontra algumas pessoas interessantes e faz a elas um monte de perguntas. Quando os pesquisadores ouvem que historiadores experientes de história oral

geralmente têm um orçamento aproximado de 1.000 dólares (EUA) por *uma* hora de entrevista gravada em áudio, eles não acreditam. Mas isso é simplesmente um reflexo de tempo, tecnologia e habilidade que alguém precisa para investir em um bom projeto de história oral. E, se isso não for feito, fica visível nos resultados.

Grandes centros e instituições de história oral são mais propensos do que outros a produzir histórias de excelente qualidade, mas isto nem sempre é o caso. Por exemplo, algumas das transcrições com emigrantes judeu-alemães e judeu-austríacos na Columbia University, cujas gravações originais foram destruídas, muitas vezes mostram menores ou maiores espaços em branco: palavras, frases, até mesmo parágrafos não entendidos pelo entrevistador e transcritor, talvez pelo forte sotaque alemão ou o próprio uso da língua alemã. Muitas das entrevistas que a Sociedade Multicultural de Ontário realizou nas décadas de 1970 e 1980 são de baixa qualidade em todos os aspectos, porque o financiamento do governo atrasou, impedindo a instituição em treinar os entrevistadores. Em geral, as anotações de campo e pesquisa foram raramente conservadas (NEVINS, 1984: 33-35). Para projetos menores, muitas vezes conduzidos por uma pessoa para um projeto acadêmico ou por um pequeno grupo de pessoas interessado em uma história específica, a documentação sobre a conceituação do projeto pode estar incompleta ou inacessível. Publicações com base em pesquisas, por exemplo, teses e dissertações, podem, então, ser fontes úteis para melhor compreensão das entrevistas de história oral. Assim, enquanto o Museu de Manitoba tem algumas informações sobre as entrevistas que Art Grenke conduziu com imigrantes alemães em Winnipeg, sua dissertação fornece não somente informações contextuais (por exemplo, como ele localizou e selecionou os entrevistados), mas também biografias de 20 de seus 65 entrevistados (GRENKE, 1991). Assim, antes de ouvir as entrevistas (ou ler suas transcrições), o pesquisador deve descobrir o máximo possível sobre a procedência da coleção. Uma ferramenta útil na avaliação de um projeto de história oral é fornecida pelas Diretrizes de Avaliação da Associação Americana de História Oral (Associação de História Oral 2002).

### **Tecnologia e mídia de gravação**

A grande maioria das entrevistas de história oral foram gravadas em fitas cassete e, em menor extensão, em gravadores de fita magnética dos anos 1950 a 2000 (sobre a história da tecnologia de gravação ver MORTON, 2004). A utilização de tais gravadores

veio diminuindo de forma constante, desde 2000, e tem se tornado cada vez mais difícil comprar gravadores analógicos e fitas. A maioria das fitas analógicas não têm sido armazenadas e cuidadas adequadamente e, portanto, estão se deteriorando. Muitas fitas não foram transcritas, mas apenas resumidas, e ainda não foram digitalizadas. Um recurso enorme, está, aos poucos, mas seguramente, desaparecendo.

Cada vez mais historiadores orais estão gravando suas entrevistas em vídeo em vez de áudio, para os quais se criou uma variedade de desafios, que vão desde a produção de qualidade e armazenamento até a influência da câmera de vídeo na entrevista, implicações éticas e legais, e perguntas que os pesquisadores devem abordar a respeito da análise e interpretação de imagens. Ao mesmo tempo, nem todas as histórias orais são gravadas em mídia de vídeo ou de áudio. Às vezes, os entrevistados não concordam com a gravação e o pesquisador tem que fazer anotações durante a entrevista ou criar notas com base na sua própria memória após a entrevista. Esta questão não precisa ser abordada aqui, porque essas notas raramente são acessíveis. Do mesmo modo, historiadores orais têm explorado o uso de e-mail como uma forma de entrevistar, mas relutam em incluir o e-mail na definição de sua disciplina. Isso também será excluído de nossa consideração.

Voltado, principalmente, para gravações analógicas de áudio, o pesquisador que usa histórias orais já arquivadas, deve, antes de tudo, averiguar que gravadores ainda estão disponíveis para ouvir as fitas. Isto já é um problema substancial quando se trata de fitas cassete por causa da diversidade de formato e velocidades de gravação. Também está se tornando difícil adquirir tanto as fitas cassete quanto os aparelhos para gravação. Para um número menor de entrevistas, a aquisição ou a digitalização de cópias das fitas pode ser facilmente feita com softwares gratuitos como o Audacity e um computador com uma placa de som. Por exemplo, eu tenho nove entrevistas de Grenke que selecionei das 65 como arquivos digitais no meu computador e iPod. Com estes arquivos digitais, eu não tenho que me preocupar com a deterioração ou a quebra das fitas e são facilmente portáteis. Além disso, arquivos digitais são mais facilmente pesquisáveis do que fitas cassete: os dispositivos de avanço e o recuo desses recursos de áudio são mais rápidos do que os das fitas cassete. Os softwares de media player permitem saltar para trás e para frente e ir para o tempo preciso dos pontos da entrevista. Por último, o novo software de análise de dados qualitativos como o AtlasTi permite aos pesquisadores importar e indexar arquivos de áudio digital.

Quando há liberação para a obtenção de cópias de arquivos, ou até mesmo para ouvir as fitas, o pesquisador dificilmente terá permissão para ouvir as fitas originais. Eu não tive a oportunidade de ouvir as fitas originais de Grenke, mas foi me dado uma cópia em fita cassete. Os arquivos fazem com que os originais sejam preservados. O problema é que é difícil saber se a cópia é exata, mista ou ausente. É, de certa forma, semelhante ao uso de uma cópia de uma xerox ou de um microfilme de um documento original. No caso de Grenke, por exemplo, várias vezes as últimas palavras ditas no lado A da fita são repetidas no início do Lado B, então eu sei que não há nada faltando na gravação original. Muitas vezes, também a gravação é interrompida no meio de uma frase. Não é claro quando isso ocorreu: no momento da entrevista, no momento da cópia do original ou no momento da cópia da cópia (a fita magnética original não é utilizada para a produção de cópias, a fim de preservá-la). Em duas fitas, há entrevistas não identificadas próximas àquelas que são identificadas como sendo as fitas que eu recebi do Museu de Manitoba. Não está claro como essas diferentes entrevistas acabam na mesma fita. Sem ser capaz de ouvir as fitas originais, não posso dizer com certeza se as gravações que eu tenho são completas.

Além disso, eu estou trabalhando com os arquivos digitais das entrevistas de Grenke. Estes arquivos digitais, produzidos por meus assistentes de pesquisa, são removidos três vezes da fita original: o original é preservado como uma fita mestre, que foi copiado para uma fita cassete da qual todas as outras cópias foram feitas.

Assim, criamos um arquivo digital, a partir de uma cópia da cópia do original. A gravação é alterada de várias maneiras ao longo do processo. Primeiro, existe uma perda da qualidade de som em cada etapa da transferência analógica. Segundo, a fita do gravador de fita magnética de desconhecido comprimento foi dividida em segmentos de 30 minutos quando foi transferida para fitas cassete, e depois, remontada em segmentos de 45 minutos quando foi copiada de um segmento de 60 minutos para uma fita de 90 minutos. Nos documentos digitais, digitalizamos uma fita (de ambos os lados) como um arquivo, criando um arquivo de áudio digital por fita cassete. Em terceiro lugar, em cada fase, existe não só uma perda de qualidade do som, mas a probabilidade de deterioração da qualidade de som ao se alterar várias conversões de gravação, por exemplo, a gravação de uma fita Dolby B por meio de uma conversão Dolby C ou a gravação de uma fita sem metal por meio de uma conversão com metal. Em quarto lugar, ao longo dos anos, as gravações se deterioraram por causa de armazenamento inadequado.

A condição material das fontes e o acesso restrito aos originais complica o trabalho com PGOH, mas estas limitações não são específicas da PGOH. Arquivos de documentos textuais, muitas vezes, confrontam os pesquisadores com obstáculos semelhantes relativos ao acesso e uso. Saber sobre essas limitações ajuda o pesquisador a avaliar as fontes em mãos mais criticamente. Mesmo a nível material, não deve se acreditar nas fontes totalmente.

### **Relação entrevistador-entrevistado**

Historiadores orais rejeitam a ideia de que os entrevistadores possam ser distanciados, objetivos ou não envolvidos e, por isso, sem influência sobre a entrevista. Na verdade, eles reconhecem que a entrevista não existiria sem eles. O historiador oral Americano Ronald J. Grele argumentou, já em 1975, que a entrevista de história oral é "uma narrativa de conversação: de conversação, por causa da relação de entrevistador e entrevistado, e narrativa, por causa da forma da exposição - a narração de um conto" (p. 135). Esta relação entre entrevistador e entrevistado cria uma das estruturas subjacentes da entrevista de história oral. Essa estrutura precisa ser entendida, a fim de dar sentido à entrevista. Eva M. McMahan propõe a análise de conversação como uma abordagem para explicar como a dinâmica entre entrevistador e entrevistado forma o conto que é narrado (2006), enquanto as historiadoras orais feministas apontam para a relação de poder de gênero (cf. GLUCK & PATAI, 1991) e outros, ainda, investigaram como raça, etnia, trauma e outras forças influenciam que história o narrador conta e como ele ou ela a contam (cf. MCMAHAN & ROGERS, 1994).

As expectativas e suposições, tanto do entrevistador como do entrevistado, dão forma à entrevista. Ritchie explica: "Os entrevistados controlam os entrevistadores [...] e, até certo ponto, tentam agradá-los, dizendo o que eles querem ouvir" (2003: 101). Ele descreve um dos exemplos mais conhecidos dessa influência:

Um estudo de entrevistas do *Federal Writers Project*, realizado na década de 1930, entrevistou ex-escravos e descobriu que uma mulher negra idosa foi entrevistada duas vezes, uma por uma mulher branca e, novamente, por um homem negro. Ela relatou nitidamente diferentes fatos da sua escravidão, contando uma história menos sofrida para a mulher branca e uma muito mais dura para o homem negro. Ela poderia ter contado uma história diferente para outra mulher negra (2003: 101).

Com o resultado dessas descobertas, os historiadores orais têm cada vez mais levado em consideração como seu status social, gênero, raça, etnia, idade, sexualidade, convicção política, religião, etc. moldam sua relação com o entrevistado (cf. Oral History Association 2002). Na verdade, eles buscam, ativamente, "compartilhar autoridade" com o entrevistado (cf. FRISCH, 1990). Isso adicionou uma configuração consciente da narrativa conversacional à subconsciente: historiadores orais tornaram-se cada vez mais conscientes de seu status de poder perante seus entrevistadores (cf. YOW 1997: 71-72). Este desenvolvimento está ainda sendo reforçado por conselhos universitários, especialmente nos Estados Unidos e no Canadá, o que pode fazer os pesquisadores mais enfastiados em fazer perguntas que poderiam perturbar seus entrevistados. Contudo, ao mesmo tempo, historiadores orais tem explorado como suas discordâncias com seus entrevistados a respeito da interpretação de suas narrativas podem ser incorporadas na análise de forma frutífera (BORLAND, 1991).

As histórias contadas também são moldadas pelo ambiente da entrevista. Faz muita diferença numa entrevista, se ela for realizada em casa, no local de trabalho ou no bar favorito do entrevistado. Do mesmo modo, o tempo, em suas muitas facetas, desempenha um papel. A memória muda com o passar do tempo e com a posição do narrador em sua trajetória de vida. Assim, uma pessoa com 50 anos de idade, no meio de sua carreira, ou ocupada com a educação dos filhos, vai claramente lembrar-se de sua infância, diferentemente de um aposentado de 70 anos de idade. Historiadores orais reconhecem que eles não podem saber quais são exatamente essas diferenças. Os dados para a comparação são quase sempre ausentes. A grande maioria dos historiadores orais não retornam aos seus entrevistados, 10, 20 ou 50 anos após a entrevista inicial para comparar a história dos 50 anos de idade com a dos 70 anos.

Quais, então, são as implicações para os cientistas sociais que utilizam histórias orais de outros pesquisadores? Nas palavras de Ronald Grele, depois de ouvir o entrevistado, "é igualmente importante estar atento ao entrevistador" (GRELE, 1987: 571).

Os pesquisadores precisam descobrir muito mais sobre o entrevistador e o local da entrevista. Isto irá ajudá-lo a entender por que um entrevistador perguntou certa questão em um determinado momento, por que ele o perguntou de uma maneira específica e por que não fez outras perguntas. Isto o ajudará a responder por que um entrevistado respondeu a perguntas ou contou histórias de determinadas maneiras e por que ele deixou de fora ou encobertou determinados temas.

Em nosso estudo de caso, o livro de Art Grenke fornece pistas sobre sua relação com seus entrevistados. O livro é sobre a comunidade alemã de Winnipeg antes de 1920. Ele se autodescreve como um "novo canadense", ou seja, como um imigrante, e seus entrevistados como "veteranos", cujos "filhos e netos foram sendo rapidamente assimilados e, frequentemente, tinham pouco interesse em suas origens" (GRENKE, 1991: Prefácio, sem número de página). Ele também expressa sua esperança de que outros pesquisadores estudarão outras comunidades alemãs. Não há, no entanto, nenhuma informação sobre o local das entrevistas e não sabemos se Grenke teve qualquer tipo de contato permanente com seus entrevistados. A maioria das entrevistas parecem ter ocorrido nas casas dos entrevistados, porque eles eram frequentemente acompanhados (ou interrompidos) por algum membro da família. Vários entrevistados usaram palavras em alemão, porque sabiam que Grenke falava alemão. Esta informação nos ajuda a entender por que Grenke focou no período antes de 1920 e nos temas da cultura e das tradições populares, como música e rimas, ao lado de questões sobre assentamento e composição demográfica dos bairros, trabalho, escola, aprendizado da língua alemã, igreja, clubes étnicos e política. Ele não fez perguntas sobre sexualidade ou orientação sexual, ele fez algumas perguntas sobre o período de 1920 a 1945, e nenhuma pergunta sobre o período após 1945. Por isso, as próprias entrevistas são uma fonte importante de informações sobre o entrevistador e o ambiente da entrevista (cf. GRELE, 1987: 571).

### **Aspectos éticos e legais das entrevistas**

Os cientistas sociais estão familiarizados com as exigências éticas estritas das universidades e organizações de pesquisas nacionais. Tais políticas de ética, geralmente, exigem pesquisadores para conduzir as entrevistas de forma anônima e confidencial, o que significa que as entrevistas ficam guardadas até a conclusão do projeto e, em seguida, são destruídas. Estes requisitos são totalmente opostos aos objetivos da história oral: Se os entrevistados concordam - como eles costumam fazer - em terem seus nomes usados e publicados, assim os historiadores o fazem. A Associação de História Oral Americana argumenta que o anonimato deve ser um último recurso: "Os entrevistadores devem respeitar os direitos dos entrevistados a se recusarem a discutir certos assuntos, a restringir o acesso à entrevista, ou, até mesmo, em circunstâncias extremas, a escolher o

anonimato" (Associação de História Oral, 2002). Por fim, as entrevistas devem ser depositadas em arquivos públicos e tornadas acessíveis a outros pesquisadores.

Para os historiadores orais, especialmente na América do Norte, a diferença entre os princípios da boa prática que eles desenvolveram (Associação de História Oral, 2002) e as exigências de revisão de conselhos tem significado batalhas com conselhos editoriais para isentar seus projetos de políticas de ética da sua universidade (TOWNSEND, 2008; JANOVICEK, 2006). Ao mesmo tempo, os historiadores orais tiveram que aprender sobre direitos autorais, bem como considerações legais sobre calúnia e difamação (cf. NEUENSCHWANDER, 2002). Tem sido uma prática comum para os historiadores orais assinar cartas de cessão e de fazer seus entrevistados assinar cartas de cessão para conceder os direitos autorais das entrevistas aos arquivos. Estas cartas de cessão constituem também uma forma de identificar eventuais restrições que os entrevistados colocaram nas entrevistas. Na Columbia University, por exemplo, os entrevistados têm muitas opções relativas às restrições: Eles podem não liberar partes ou até toda a entrevista aos pesquisadores durante um determinado período de tempo, por exemplo, por dez anos após as entrevistas ou até a sua morte. A Columbia University também deu a seus entrevistados a oportunidade de editar as transcrições de suas entrevistas e tornar acessível aos pesquisadores apenas as transcrições (às vezes muito fortemente editadas), mas não as fitas de áudio originais. Outros arquivos e pesquisadores têm sido menos generosos em sua influência sobre os entrevistados depois da entrevista - por várias razões filosóficas e práticas -, mas o objetivo é sempre respeitar os desejos dos entrevistados e torná-los audíveis (a fim de torná-los parte da história). Para os pesquisadores que utilizam a PGOH, é importante determinar se as entrevistas são restritas em parte ou em seu todo e se as permissões precisam ser obtidas dos entrevistados, de seus herdeiros ou de seu espólio. Os direitos autorais regem o uso de histórias orais. Os pesquisadores não podem usá-las para fins comerciais, e o "uso justo" se aplica, o que impede os pesquisadores de citar as entrevistas no todo. Leis de direito autoral podem variar de país para país. Assim, os pesquisadores devem pedir o arquivista ou bibliotecário exatamente como eles podem usar as histórias orais, de acordo com as leis de direitos autorais aplicáveis.



### **Estratégias de entrevista e treinamento do entrevistador**

Historicamente, as competências e o treinamento dos historiadores orais têm variado muito (mesmo descontroladamente). Da mesma forma, há uma grande variedade de estratégias de entrevista, que, muitas vezes, variam por país ou região. Por exemplo, no Canadá e nos Estados Unidos, as histórias orais criadas para arquivos, muitas vezes, empregam uma abordagem de história de vida que estrutura a ordem cronológica da entrevista através da ordem de perguntas, começando com a seguinte: "Onde e quando você nasceu?" Folcloristas, antropólogos e historiadores orais da Europa continental, muitas vezes, usam uma abordagem de história de vida mais aberta que pede aos entrevistados para contar sua história de vida, deixando o entrevistado livre para decidir por onde começar e terminar a história, e em seguida, adiciona uma fase de perguntas de acompanhamento para a sua história de vida (na sociologia alemã, conectada ao método de entrevista narrativa de Fritz Schütze; RIEMAN, 2003: sem número da página). Por causa da falta de recursos para treinamento, a história oral mais frequentemente varia de pesquisador para pesquisador do que de país para país. Na maioria dos países, a história oral continua a ser praticada fora da academia, e até mesmo nos Estados Unidos o número de cursos de história oral oferecidos aos alunos de graduação e pós-graduação é pequeno. A história oral, muitas vezes, não faz parte dos cursos de métodos históricos exigidos. Assim, a experiência de muitos historiadores orais iniciantes é que eles realizam suas entrevistas com muito pouco ou nenhum treinamento, resultando em entrevistas de áudio e vídeo com baixa qualidade ou a falta de uma conceituação.

Grenke conduziu suas entrevistas no momento em que a história oral não era bem conhecida em universidades canadenses e dificilmente aceita como um método válido de pesquisa histórica. Por isso, é improvável que Grenke tenha tido qualquer tipo de treinamento formal em história oral. Essa pode ser a razão pela qual as entrevistas não terem sido apresentadas devidamente: Grenke não identificou a si próprio, o entrevistado ou o local da entrevista (data, local e projeto). Ele também não pediu dados vitais, tais como local e data de nascimento. Outras pessoas que participaram da entrevista também não foram identificadas. Grenke, no entanto, tinha formação em história e tinha um projeto de pesquisa bem concebido, a saber, sua tese de doutorado. Antes de realizar as entrevistas, Grenke tinha feito uma extensa pesquisa de arquivo, o que o ajudou a fazer perguntas específicas aos seus entrevistados.

As entrevistas foram semi-estruturadas e Grenke começou as entrevistas pedindo aos entrevistados para falar sobre suas vidas na Europa e sua migração para Winnipeg. Embora ele tenha concentrado suas perguntas no período antes de 1920, Grenke estava aberto para deixar seus entrevistados saírem pela tangente, e, por várias vezes, essas tangentes entraram na época da Segunda Guerra Mundial. Ele raramente interrompia para fazê-los voltar ao tema e tão logo os narradores terminavam as suas histórias, ele então os dirigia de volta para o período anterior a 1920. Tal paciência e habilidade de escuta, conquistada por valiosas entrevistas, permite que os entrevistados contem histórias que eles querem compartilhar. Ao longo da história da história oral, houve entrevistados que não tiveram as mesmas habilidades. Vários entrevistadores da Sociedade Histórica Multicultural de Ontário, durante os anos 1970 e 1980, por exemplo, excluíram das fitas o que eles consideravam "tangentes", cortaram os entrevistados no meio da frase ou dominavam a entrevista, falando mais do que o entrevistado. Assim, a abertura que Grenke deu para seus entrevistados contarem suas histórias foi útil para mim, pois aqueles eram os momentos em que os entrevistados falavam sobre a Segunda Guerra Mundial ou tinham a oportunidade de falar sobre isso, se quisessem, mas optavam por não fazê-lo. Uma abordagem de entrevista narrativa provavelmente teria rendido ainda mais histórias.

### **Resumos e transcrições, ou: A importância (às vezes inevitável) de ouvir as entrevistas**

Arquivistas descobriram que pesquisadores que usam histórias orais, muitas vezes, consultam apenas as transcrições e, por vezes, apenas os resumos. Raramente eles ouvem as entrevistas, o que é um grande problema, porque os pesquisadores perdem uma grande quantidade de informações e são propensos a mal compreendê-las e, assim, mal interpretá-las. Eles não usam práticas metodológicas básicas, o que eles não fariam no caso de fontes escritas: se possível, eles iriam sempre até a fonte original, a fim de excluir quaisquer erros gerados por transcrições, traduções, etc. Eles jamais iriam pensar em usar apenas o resumo feito por um arquivista de, por exemplo, instruções administrativas do governo canadense ou do diário de um imigrante. Embora seja de fato mais rápido passar os olhos no texto impresso (por exemplo, uma transcrição) do que ouvir uma gravação de áudio, nenhum pesquisador confiaria apenas em uma transcrição de um material original manuscrito e de fácil acesso, só porque a tinta desbotou e a escrita idiossincrática do autor tornou a leitura difícil e demorada.

Resumos, registros ou índices de entrevistas são, muitas vezes, produzidos pelos próprios entrevistadores, que focalizarão os temas nos quais eles estão interessados. Para uma entrevista com Fred Martin, que nasceu em Dresden, por volta de 1895, e imigrou para Winnipeg em 1913, Grenke criou um índice que incluía entradas com foco, principalmente, no período antes de 1920, mas que também continha as seguintes entradas referentes ao período nazista:

Segunda Guerra Mundial: discute sobre o confinamento durante a Segunda Guerra Mundial, foi bem tratado. Schlaeger/Ruepel são confinados. Libertados por meio da ajuda de um advogado.”  
 “Personalidades: [...] 2. Martin Seelheim [...] Seelheim não apóia Hitler de jeito nenhum. 3. Cônsul Radde veio em 1937 - forte defensor de Hitler. Abriu uma cervejaria [sic] [possivelmente quis dizer: iniciou boatos] e outros tiveram que pagar o pato.

Para o meu próprio projeto sobre as formas como os teuto-canadenses lidavam com o passado nazista, estas notas um tanto obscuras sugeririam que a entrevista continha pouco, senão nada, que pudesse usar. Ao ouvir a entrevista, no entanto, descobri que Martin também falou sobre posicionamentos de teuto-canadenses sobre Hitler e a Alemanha nazista durante a guerra, e, mais importante, ele desenvolveu a sua própria explicação para o sucesso de Hitler: este foi um excelente exemplo sobre como um teuto-canadense significou o passado nazista. Eu teria perdido isso se não tivesse ouvido a entrevista. Da mesma forma, o índice de Grenke para uma entrevista com P. Laubenstein não tinha nenhuma referência ao período nazista, mas Laubenstein e sua esposa (que não é mencionada no arquivo) falaram sobre os posicionamentos de teuto-canadenses e seus próprios sobre Hitler, a isenção de seu próprio filho do serviço militar, e a adesão de P. Laubenstein ao clube alemão e sua participação nele durante toda a guerra. Mais uma vez, eu teria perdido evidências valiosas se tivesse confiado apenas no índice.

Ouvir as entrevistas, sem dúvida, me proporcionou um grande investimento de tempo - como é o caso de toda a pesquisa de arquivo. Há poucos historiadores que não tiveram a experiência de sair de um arquivo depois de um dia inteiro de trabalho sem ter algo para mostrar. Da mesma forma, depois de um dia ouvindo entrevistas, um historiador pode chegar a nada. Por exemplo, as entrevistas de Grenke com o Sr. Matthes e Anna Thiessen não renderam nada, apesar de eu tê-los selecionado a partir de um bom grupo de entrevistados de Grenke. Mas, no geral, com a ajuda de um índice geral das entrevistas feitas por Grenke, seu índice de entrevista individual e a escuta das entrevistas, nove entrevistas com um total de cerca de 17 horas renderam várias histórias

que eu poderia potencialmente usar para o meu projeto. Ao mesmo tempo, eu era capaz de marcar vários trechos de entrevistas para fins de ensino e para outros projetos em que estou trabalhando.

### **A Oralidade dos Dados**

Há outra razão para ouvir as entrevistas: seu caráter oral. E é verdade, como ressalta o historiador oral inglês, Paul Thompson, que o encontro entre entrevistador e entrevistado perde um pouco de sua complexidade ao "armazenar as falas em uma fita gravação" (2000: 126), mas, no entanto, como afirma Thompson, a gravação oral "fornece o documento mais preciso" (2000: 127) da entrevista original. É superior à transcrição, na qual as nuances da emoção e as sutilezas de significados transmitidos pela palavra falada são, muitas vezes, perdidos. A grande variedade de estímulos orais - o tom da voz em constante mudança, volume, velocidade, afinação e ritmo - não pode ser transcrita. Nem pausas e tosses significativas e as muitas formas de riso podem ser colocadas em papel. Ironia e sarcasmo expressos na fala podem ser mal interpretados ou não entendidos. De fato, os pesquisadores leem a transcrição em um certo tom (em sua própria voz), o que pode deturpar completamente a palavra falada. Em 1981, o historiador oral italiano, Alessandro Portelli, deu boas razões para ouvir as qualidades orais das entrevistas, mas poucos historiadores orais seguiram o seu conselho. Portelli afirma que é a oralidade das fontes orais que as tornam diferentes das fontes escritas, porque traços orais transmitem "funções essenciais da narrativa: eles revelam as emoções dos narradores, a sua participação na história, e a forma como a história os afeta. Isso, muitas vezes, envolve atitudes que os falantes não são capazes (ou não tem vontade) de expressar de outra forma, ou elementos que não estão totalmente sob seu controle" (PORTELLI, 1989: 98). Mas há ainda mais que isso: traços orais de uma história falada carregam a subjetividade do entrevistado e, como tal, o tipo de informação mais importante que uma história oral pode transmitir. Esta ideia é discutida em mais detalhes adiante sob o título subjetividade. Embora poucos pesquisadores estejam dispostos ou treinados para analisar e interpretar a oralidade das entrevistas, eles devem, no entanto, ouvi-las para compreendê-las totalmente. Eventualmente, pode ser que o aumento do uso de áudio, ao invés de registros escritos, fará com que os historiadores orais investiguem não só a relação entrevistador-entrevistado e sua construção mútua da narrativa, mas também a relação entre o ouvinte e o entrevistado e

o entrevistador. Talvez, porque muitos historiadores orais veem o entrevistador e o ouvinte como idênticos, esta questão ainda não foi bem explorada. Mas, com o aumento do uso secundário de histórias orais, os pesquisadores/ouvintes começarão a refletir sobre o seu papel na construção da estória que eles ouvem e a estória que eles escrevem sobre o que eles (acreditam que) ouviram.

### **A PGHO como evidência: subjetividade, memória, retroatividade**

Os historiadores tradicionais explicam fontes questionando suas características internas e externas, a fim de verificar a sua autenticidade e confiabilidade (cf. SCHNEIDER E RICHARDSON, 1986: caps. 2 e 3). Os historiadores e historiadores orais têm identificado a subjetividade e a memória como principais preocupações em relação à credibilidade e utilidade da história oral como evidência (THOMPSON, 2000: caps. 4 e 5; GRELE, 2006.). Embora implicitamente discutido em debates de memória, acrescento aqui a retroatividade como outra característica da história oral que os pesquisadores devem considerar.

Historiadores entendem a subjetividade de uma fonte ou como um viés (parcialidade) ou como uma perspectiva específica do autor gerada pela posição dele ou dela na sociedade. Tradicionalmente, os historiadores têm visto a subjetividade como a fraqueza de uma fonte, porque a torna menos confiável e menos verdadeira. Os historiadores têm considerado histórias orais como sendo particularmente subjetivas – pois sofrem com o esquecimento dos entrevistados, a desonestidade e também a reticência de perguntas enganosas do entrevistador, sejam intencionais ou não (CUTLER, 1984: 79-80) - e, portanto, particularmente fracas (THOMPSON, 2000: 118). Historiadores orais foram, portanto, obrigados a agarrar a problemática da subjetividade de suas fontes, talvez mais do que outros historiadores. Enquanto eles apontaram que todas as fontes eram inerentemente subjetivas, também exploraram a natureza específica da subjetividade nas histórias orais. Nessas discussões, os historiadores orais estenderam suas investigações a respeito da subjetividade de seus entrevistados para a sua própria subjetividade na composição da entrevista. Ao mesmo tempo, eles ampliaram o significado da subjetividade para além do viés ou da perspectiva do entrevistado ou do entrevistador. A historiadora oral italiana, Luisa Passerini, definiu subjetividade como "a área de atividade simbólica que inclui aspectos cognitivos, culturais e psicológicos." Ao invés de usar conceitos similares, tais como,

"mentalidade, ideologia, cultura, visão de mundo (*Weltanschauung*) e consciência", ela argumentou que

subjetividade tem a vantagem de ser um termo suficientemente elástico para incluir tanto os aspectos de natureza subjetiva espontânea [...] contidos e representados por posição, comportamento e língua, bem como outras formas de consciência [...], tais como o senso de identidade, a consciência de si mesmo e formas mais consideradas de atividade intelectual. A importância deste termo abrange não só a dimensão epistemológica, mas também aquela envolvida com a natureza e a importância da dimensão política (PASSERINI, 1979:85).

Seu colega, Alessandro Portelli, afirma que fontes orais são subjetivas porque são *criadas artificialmente* pelo historiador; o entrevistador compõe em certo grau *o teor da entrevista* (por meio de perguntas, etc); uma *estória muda* com cada narração; e história oral *nunca está completa*, porque "é impossível esgotar *toda* a memória histórica de um único informante" (PORTELLI, 1981: 104).

Assim, os historiadores orais usam o termo subjetividade como um artifício heurístico - Passerini também via isso como "uma ferramenta de análise particularmente apropriada para a história social" (1979: 86) - para examinar criticamente suas fontes. É a subjetividade da história oral, de acordo com Portelli, que revela informações mais importantes desta fonte, uma vez que isso "nos diz menos sobre eventos do que sobre o seu significado." E é claro que os entrevistados, muitas vezes, nos dão dados factuais importantes sobre o passado, especialmente na ausência de outras fontes. "Mas o elemento único e precioso" da história oral

é a subjetividade do falante: e, por isso, se a pesquisa é ampla e articulada o suficiente, uma seção transversal da subjetividade de um grupo social ou classe. [Fontes orais] nos dizem não só o que as pessoas faziam, mas o que queriam fazer, o que eles acreditavam que estavam fazendo e o que eles agora acham que fizeram (1981: 99-100).

Ronald Grele aponta para a interpretação do entrevistado sobre sua própria vida, o que os pesquisadores devem investigar:

Em todas as entrevistas, há uma tendência a impor uma ordem sobre os acontecimentos discutidos. Isso é o que nós fazemos como historiadores. Nesse sentido, quando pedimos aos nossos memoristas para recordar eventos, estamos pedindo que eles sejam os seus próprios historiadores, para impor uma ordem, uma interpretação (GRELE, 1987: 573).

Em outras palavras, a história oral pode nos dizer como as pessoas dão sentido ao passado, mas, a fim de descobrir, é preciso prestar atenção não só ao conteúdo (o que é dito), mas também à forma (como é dito). Pesquisadores interessados em fatos devem,

portanto, estar sempre conscientes de que estes fatos vêm embalados em interpretações específicas que não são simplesmente interpretações dos entrevistados, mas produtos mais complexos da entrevista. Essas interpretações, geradas na interação entre memória e performance, nos dão insights sobre a consciência das pessoas. Historiadores orais concordam que não é apenas a subjetividade individual, mas também a subjetividade coletiva que pode ser investigada. Assim, visto que os historiadores orais “mudam ou mudaram seu interesse de questões de história social para estudos culturais”, durante a década de 1980 (GRELE, 2006: 62), eles exploraram a subjetividade em suas várias formas: “fosse memória, ideologia, mito, consciência, identidade, desejo ou quaisquer outros atributos”(GRELE, 2006:65).

A subjetividade está intimamente ligada à memória, outro problema que os historiadores identificaram no que diz respeito à história oral. Semelhante à subjetividade, o termo memória tem muitos significados. Uma distinção útil está entre a memória individual e a coletiva. Elas estão intimamente ligadas. Vou me concentrar aqui na memória individual. Céticos da história oral argumentam que a memória individual não é confiável o suficiente para ser considerada uma fonte acreditável.

Assim, as fontes orais são mais suspeitas do que outras fontes. Desde os anos 1970, os historiadores orais têm apontado para a falta de visão e o preconceito desse argumento. Thompson afirmou que muitas fontes se baseiam em evidência e memória orais, sejam relatórios policiais, relatórios judiciais ou estatísticas demográficas, que são compilados com base num grande número de entrevistas realizadas por recenseadores ou pela imigração e a polícia federal nos pontos de saída e entrada de fronteira. Assim, a memória é uma heurística útil para questionar todas as fontes que são baseadas na memória (THOMPSON, 2000). Tal como acontece com a subjetividade, os historiadores orais descobriram tornaram aquilo que os historiadores tradicionais viam como uma fraqueza a força da fonte.

Os historiadores orais têm estudado psicologia e ciências do cérebro para melhor entender como funciona a memória de um indivíduo. Eles descobriram que enquanto a memória de curto prazo pode não ser confiável e ser facilmente manipulada, a memória de longo prazo, muitas vezes, é mais confiável. Enquanto as pessoas mais velhas podem esquecer nomes e datas, o processo de revisão de vida que se ajusta em uma fase posterior da vida lhes permite lembrar um passado distante muito claramente. Um entrevistador habilidoso irá ajudar o entrevistado a fazer uma busca profunda em sua memória (RITCHIE, 32). Nessas memórias não se pode acreditar totalmente, mas elas

devem ser cruzadas com outras fontes, e não devem ser assumidas como verdadeiras. Deve ser assumido que as entrevistas tem uma consistência interna. Historiadores orais também devem ter em mente que os seus próprios interesses de pesquisa não são uma boa base para avaliar a memória de um entrevistado: "As pessoas lembram o que elas acham que é importante, não necessariamente o que o entrevistador pensa que é mais relevante" (RITCHIE, 33). E os historiadores orais sabem que as memórias mudam ao longo do tempo e, portanto, devem sempre ser consideradas no contexto do ciclo de vida do entrevistado. Quanto mais uma experiência reside no passado, mais provável é que essa memória seja integrada à história da vida real. Fred H. Allison comparou dois relatos de um veterano americano da guerra do Vietnã sobre um determinado tiroteio - um de 1968, dois dias depois da batalha, e um de 2002. A memória de curto prazo, de 1968, foi cheia de detalhes, desconjuntadas, reunidas no contexto de uma entrevista. Em 2002 havia menos detalhes, mas a história tornou-se coerente (ALLISON, 2004). As duas entrevistas nos dão diferentes tipos de informação. Apenas a entrevista de 2002, no entanto, nos diz qual o papel que esta experiência desempenhou na vida do veterano. Como Donald Ritchie explica:

As pessoas regularmente reavaliam e reexplicam suas decisões e ações passadas. [...] os indivíduos utilizam os conhecimentos adquiridos, a partir de eventos atuais para reformulá-los e dar um novo sentido das experiências passadas. Não há nada que invalide esta refletividade, enquanto os entrevistadores e pesquisadores entenderem o que está ocorrendo e levem isso em conta (RITCHIE, 2003: 33).

Este ponto leva-nos ao conceito de retroatividade. As entrevistas de história oral são sempre cercadas de dois períodos de tempos diferentes, e, no caso da PGHO, os investigadores têm, frequentemente, considerado três diferentes períodos de tempo quando se avalia a fonte. A ideia básica aqui é simples: "histórias orais são produtos da época de sua criação" (GRELE, 1987: 572). Assim, histórias orais são sobre o tempo em que os entrevistados lembram e não conseguem esquecer. Por que a diferença entre dois tempos é importante? Os historiadores distinguem fontes primárias e fontes secundárias.

As fontes primárias, muitas vezes, chamadas de "matéria-prima" da história, são fontes criadas no momento em que pesquisamos. Um artigo publicado no *Winnipeg Free Press*, de 1904, acerca de um clube social dos alemães é uma fonte primária para o estudo de Grenke sobre alemães na Pré-Primeira Guerra Mundial de Winnipeg. As fontes secundárias, por outro lado, são fontes criadas *após* os acontecimentos que estudamos. Elas são interpretações das fontes primárias (SCHNEIDER/CANTOR, 1986: 22-23). Por esta definição, histórias orais (como autobiografias e memórias) são



fontes secundárias, porque são, muitas vezes, criadas muito tempo após os eventos estudados pelos historiadores. Assim, Grenke conduziu suas entrevistas na década de 1970, mais de meio século depois dos acontecimentos que ele escreve. São produtos da década de 1970, e não da década de 1890 ou de 1920.

Mesmo que, na prática, as histórias orais (como autobiografias) são consideradas fontes primárias, elas são, todavia, diferentes de outras fontes primárias. Pode-se argumentar que muitas fontes são criadas após algum evento (relatórios policiais, relatos de jornais, anotações de diário, etc.) e, portanto, todas são retrospectivas. Mas histórias orais, assim como autobiografias, são muitas vezes retrospectivas de uma forma que deve ter ficado clara no exemplo de Allison sobre o veterano do Vietnã. A maioria das histórias orais é criada não só num momento diferente, mas numa *era* diferente da os eventos que discutem. Os valores mudaram e os entrevistados, muitas vezes, julgam suas próprias ações e pensamentos nesta nova visão. Portanto, no caso da entrevista de Allison, o entrevistador teve a necessidade, em 2002 (mas não em 1968), de justificar sua matança de soldados vietnamitas. Como Portelli e Grele dizem, a maioria das histórias orais diz respeito aos significados que as pessoas atribuem as suas experiências no contexto de sua história de vida. Assim, pesquisadores que utilizam a PGOH devem conhecer não somente a época que estudam, mas também o momento no qual as entrevistas foram realizadas. Como um usuário das histórias orais de Grenke, eu preciso conhecer o período das décadas de 1890 a 1940 para entender o que os entrevistados falam e eu preciso saber sobre a década de 1960 e início de 1970 para compreender o contexto em que eles rememoram. Afinal, Grenke queria que seus entrevistados lembrassem de suas vidas antes de uma guerra mundial, de uma depressão e de outra guerra mundial, de uma grande imigração alemã para Winnipeg na década de 1950 e do declínio sócio-econômico da cidade na década de 1960. Todos esses eventos intervenientes, bem como os valores sociais de mudança, potencialmente formam as memórias do passado dos entrevistados. Além disso, ao ouvir as entrevistas, 37 anos depois que elas foram realizadas, eu também devo considerar o tempo presente, a fim de evitar a imposição de valores de hoje em histórias dos entrevistados. Voltarei a algumas dessas ideias no final da próxima seção, quando voltar a uma discussão das entrevistas de Grenke.

### Interpretando a PGHO: Documento e Texto

Histórias orais podem ser interpretadas de muitas perspectivas diferentes, com várias abordagens e métodos. Mesmo dentro das páginas desta revista<sup>3</sup>, nos últimos anos, as abordagens que vão desde a análise do discurso à psicologia têm sido discutidas. Esta seção descreve duas abordagens amplamente utilizadas entre os historiadores orais: a historiadora oral norte-americana, Linda Shopes, que também é a co-editora da série Estudos em História Oral da Palgrave, - baseada no trabalho de Grele (2007) - distingue entre historiadores orais que usam histórias orais como documentos, ou seja, como fontes de informação sobre experiências passadas e a consciência das pessoas, e historiadores orais que problematizam entrevistas como narrativas construídas (SHOPES, 2008).

Quando os historiadores usam histórias orais para reconstruir o passado, eles costumam usar todos os tipos de fontes, em parte para corroborar a evidência, em parte para chegar a diferentes perspectivas dos mesmos eventos e desenvolvimentos. Um estudo recente de Orlando Figes, *The Whisperers: Private Life in Stalin's Russia* (2007), é um excelente exemplo desta abordagem das fontes de história oral. Figes e sua equipe de pesquisadores coletaram e preservaram os arquivos privados de centenas de famílias russas e também entrevistaram alguns membros de famílias. Eles disponibilizaram suas fontes online em [www.orlandofiges.com](http://www.orlandofiges.com). O livro, muito bem escrito, reconstrói, com base nestas fontes, a vida cotidiana dos russos de diferentes origens sociais, durante o regime de Stalin.

Alessandro Portelli, por outro lado, igualmente com maestria, usa histórias orais e outras fontes no estudo *The Order Has Been Carried Out: History, Memory, and Meaning of a Nazi Massacre in Rome* (2003) para investigar o assassinato de 335 homens pelo exército alemão nas fossas Ardeatinas, cavernas localizadas fora de Roma. Portelli explora não só o que realmente aconteceu, mas, o mais importante, como os romanos se lembram destes eventos e por que eles lembram disso de uma maneira especial: a saber, como uma represália nazista a um ataque de partisans, que poderia ter sido evitada se os partisans tivessem se rendido. Uma pesquisa meticulosa feita por Portelli mostra que o comando alemão matou os prisioneiros a tiros 24 horas depois do ataque dos partisans. Ele documenta, através de uma multiplicidade de vozes, como as memórias deste evento não só dividiram a sociedade italiana e as famílias, mas como homens e mulheres foram torturados por suas memórias divididas.

---

<sup>3</sup> Nota da Revisora: O autor se refere à revista Historical Social Research.

Ambos, Figes e Portelli, estão interessados na consciência, mas usam abordagens diferentes. Figes incide sobre o passado, ou seja, a consciência dos russos durante o regime de Stalin. Apenas em seu capítulo final ele observa como os russos tem se lembrado da era Stalin desde sua morte, em 1956. Portelli, por outro lado, conecta a consciência ou a memória coletiva do passado com a do presente ao longo de toda a história que ele conta. Da mesma forma, enquanto Figes inclui uma nota sobre seu método no final do livro e se mantém em silêncio sobre suas fontes, Portelli problematiza as fontes orais durante todo o seu livro. Ambos os autores reconstroem o passado, em parte, como uma intervenção na política de memória em curso nos dois países em torno dos legados do stalinismo e do fascismo. Ambos tendem a heroicizar seus narradores, mas apenas Portelli se atreve a perguntar por que alguns de seus entrevistados, especialmente aqueles da esquerda política e da classe trabalhadora, se lembram da versão demonstravelmente falsa destes eventos da facção de direita, anti-partisan. Ambos os estudos, cada qual a sua própria maneira, usam histórias orais de uma forma sofisticada e exemplar.

Finalizarei essa discussão de explicitação e interpretação da história oral com um breve exemplo das entrevistas de Grenke. Fred Martin nasceu em Dresden, Alemanha, por volta de 1895, e imigrou para o Canadá em 1913, ano em que o país apresentou o maior número de imigrantes na história. Martin se instalou na próspera cidade de Winnipeg, onde um amigo o ajudou a conseguir um emprego. Na entrevista de Grenke, realizada em 1971, Martin lembrou principalmente do tempo durante e após a Primeira Guerra Mundial, quando ele perdeu o emprego, trabalhou em uma fazenda, e ia e voltava de Winnipeg a Dresden. Ele também falou sobre as décadas de 1930 e 1940, quando ele se estabeleceu e formou sua família. Um dos temas da entrevista foi a dos dois cônsules alemães em Winnipeg durante a década de 1930, Heinrich Seelheim (1930-1937) e Wilhelm Rodde (1937-1939).

Martin descreveu Seelheim como um homem bom que ele conheceu pessoalmente. Perguntado se Seelheim era um defensor de Hitler, Martin disse:

Oh, não. Não. Não, ele não era. Bem, oficialmente. O que você pode fazer oficialmente? Como cônsul? Você pode ir contra ele [Hitler]? Não. Porque se tivesse sido, ele nunca teria ido para Tóquio, como cônsul. Não, ele sabia o que dizer e o quanto dizer e o outro [Hitler] tinha que se conhecer. Muitas coisas Hitler viu corretamente e às vezes ele era louco. Nós todos sabemos disso hoje. Muitos canadenses o admiravam por certas características. Um homem que conquistou mais de cem milhões de pessoas deve ter algo de especial. Ele não pode ser totalmente estúpido. Mas ele poderia se tornar estúpido ao ter tanto poder.

Minha própria entrevista com um imigrante alemão que era um jovem em Winnipeg na época e cuja família também tinha tido contato pessoal com Seelheim, corrobora a afirmação de Martin de que Seelheim não era um nazista. Sabemos do historiador Jonathan Wagner, no entanto, que Seelheim "experimentou uma conversão nazista muito cedo e, em maio de 1934, juntou-se ao NSDAP" (WAGNER, 1976-1977). Ele promoveu ativamente a ideologia nazista no oeste do Canadá, em parte fundando um jornal nazista. Seelheim era "um dogmático racial e um verdadeiro antissemita que informou sobre os comunistas teuto-canadenses e seus familiares na Alemanha (WAGNER, 1982: 38).

Por que então Martin (e outros imigrantes alemães) lembra de Seelheim como um não-nazista? Subjetividade, memória e retroatividade ajudam a explicar a afirmação de Martin. Martin tinha uma memória clara e factual de Seelheim: Ele lembrou corretamente de seu nome, cargo, ano em que deixou Winnipeg e os encontros específicos que tivera com ele e sua esposa. Assim, este não é um caso de lembrança defeituosa. Também parece improvável que Martin teria representado Seelheim de qualquer outra forma, se tivesse sido um entrevistador diferente ou estivesse uma situação de entrevista diferente. Ele era, geralmente, cauteloso ao falar sobre o nazismo, mas, neste caso, sua reação inicial à pergunta de Grenke foi espontânea e forte. Sua defesa das ações "oficiais" de Seelheim sugere, no entanto, não só a lealdade contínua a Seelheim mas também a consciência de que sua declaração necessitava de mais explicações. Eventos no mesmo período de tempo podem ter moldado a memória de Seelheim. Martin conhecia o sucessor de Seelheim, Wilhelm Rodde, de quem ele se lembrava como "um grande, grande defensor de Hitler", que "tinha brigas o tempo todo com sua igreja e com os editores de jornais e assim por diante. Ele não era apreciado." Este sentimento é corroborado por Wagner. Ao contrário de Dr. Seelheim, Rodde tinha formação diplomática e não apenas educação básica. À falta do "charme pessoal de Seelheim, o homem da SS Rodde aparecia publicamente e privadamente durante o seu tempo em Winnipeg como um nazi inflexível, arrogante e subjugado", que não limitava a si próprio em seu antissemitismo. Como muitos radicais nazistas, Seelheim se apegou aos cristãos, com a denúncia pública do Arcebispo Sinnott de Winnipeg, em 1938 (42-43)." Assim, talvez não seja muito surpreendente que Martin tenha se lembrado de Rodde e não de Seelheim como um defensor de Hitler.

Como argumenta Portelli, "contos ´errados` [...] são muito valiosos", porque "os erros, invenções e mitos nos conduzem através e além de fatos, encaminhando-nos para os seus significados", isto é, para os interesses dos contadores, sonhos e desejos (1991: 2). Um contexto histórico mais amplo ajuda a explicar por que Martin queria lembrar Seelheim desta forma particular. Até o final da guerra, o governo canadense, mídia e público fez uma distinção muito clara entre nazistas e alemães. Só a partir de 1938/1939 em diante que os canadenses perceberam os nazistas como inequivocamente ruins (LORENZKOWSKI, 1998: 169; YOUNG, 1999). Até a guerra, muitos teuto-canadenses "perceberam o fascismo como sinônimo de renovação da auto-estima" (LORENZKOWSKI, 1998: 170). Eles foram especialmente tomados pelas ideias dos nazistas sobre o *Volk* e a *Volksgemeinschaft* alemães, porque isso os ajudou a se sentir parte de "nova Alemanha" de Hitler. Neste ponto de vista, pode ser mais fácil entender por que os teuto-canadenses em Winnipeg, se conheceram Seelheim pessoalmente ou não, podem ter tido um entendimento diferente do nazismo. Um nazista para eles não era necessariamente um membro de carteirinha do partido nazista, mas alguém que não era uma boa pessoa. Um nazista não era alguém que, como Seelheim, manifestava apoio às ideias *völkisch* nazistas.

As memórias de Martin sobre Seelheim indicam que suas opiniões eram favoráveis ao nazismo. Isto é corroborado por outras declarações na entrevista. Apesar de os Dias Alemães serem manifestações políticas a favor da Alemanha nazista, com saudações a Hitler e bandeiras com suásticas e discursos pró-nazistas, Martin lembrou deles como inocentes piqueniques familiares. Ele também foi um dos 847 teuto-canadenses presos e internados durante a guerra. Alemães só eram internados se fossem membros de uma organização nazista como o *German Bund Canada*. Talvez, então, Martin não se lembra de Seelheim como um nazista, porque ele não se autoconsiderava um nazista. Assim, a afirmação de Martin é tendenciosa de duas maneiras. Primeiro, Martin também pode ter sentido a necessidade de reafirmar uma velha amizade como uma parte valiosa de sua própria vida. Descrever Seelheim como um nazista teria desvalorizado sua própria identidade. Em segundo lugar, a sua visão benigna e estreita do nazismo o fez perceber que Seelheim (e ele próprio), eram bons alemães, em vez de maus nazistas.

E finalmente, a memória de Martin foi moldada, em parte, pelo momento da entrevista. Depois da guerra, especialmente, notícias dos campos de extermínio já liberados, chegaram ao Canadá, a distinção entre 'alemães' e 'nazistas' começou a ruir.

Um grande grupo de alemães-canadenses experimentaram o discurso com desconforto. Eles perceberam isso como uma lembrança constante da "culpa coletiva" do povo alemão. Foi, portanto, vital para os teuto-canadenses manter a distinção entre alemães e nazistas viva (FREUND, 2006, 2008). A defesa de Martin em relação às ações "oficiais" de Seelheim também foi uma defesa de suas próprias ações: Seelheim, como outros alemães, não podia fazer nada contra o louco Hitler. Ele, como todos os alemães e até mesmo canadenses, foi enganado pelas boas coisas que os nazistas fizeram.

As entrevistas de Grenke não fornecem provas suficientes para reconstruir a compreensão da comunidade teuto-canadense do período nazista dos anos 1930. Mas a entrevista de Fred Martin sugere aspectos que precisam ser melhor explorados. "A discrepância entre fato e memória", Portelli escreve, é "gerada ativamente e criativamente pela memória e imaginação em um esforço para dar sentido aos acontecimentos cruciais da história em geral" (1991: 26). A memória de Martin em relação a Seelheim foi um exemplo. Foi um exemplo de como alguns teuto-canadenses em Winnipeg significavam não só o passado, mas também as necessidades prementes da atualidade.

### **Questões de pesquisa e disponibilidade e acessibilidade da PGHO**

A maioria das questões de pesquisa, bem como informações sobre a disponibilidade da PGHO foram mencionados nas seções anteriores, de modo que o que se segue é apenas um breve resumo. Apesar da teoria sofisticada da história oral, muito do que é publicado continua a ser muito valorizado pela história oral. Pesquisadores que usam histórias orais devem sempre questionar pelo menos uma pergunta que os historiadores fizeram (ou deveria fazer) de todas as suas fontes: Por que o autor ou narrador faz esta declaração em especial a este lugar ou a este momento? É esta atitude básica de ceticismo que o historiador canadense Ged Martin encontra, muitas vezes, inexistente entre seus colegas. Referindo-se a um escândalo sexual, em 1963, na Grã-Bretanha, o que levou à renúncia do ministro de Guerra, John Profumo, Martin explica que os historiadores deveriam recordar mais as palavras de Marilyn Rice-Davies, uma modelo de dezoito anos de idade, que tinha relações íntimas com a elite política da Grã-Bretanha. Quando lhe foi colocado que um de seus supostos parceiros sexuais negou que nunca tinha ido para a cama com ela, surpreendentemente respondeu: "Bem, ele iria, não iria"? Na visão de Martin, Rice-Davies mostrou "um elemento de descrença

que tem estado notavelmente fora das páginas dos livros de história á crítica canadense” (Martin 2004: 29-30). Histórias orais são, geralmente, realizadas em bibliotecas ou arquivos, sejam eles públicos ou privados, nacionais ou locais. A Austrália e o Canadá têm inventários nacionais online que ajudam na busca de histórias orais sobre temas específicos ou com pessoas específicas. No caso do Canadá, no entanto, o guia não tem sido atualizado desde 1993. E esses guias, é claro, nunca estiveram completos, porque há muitas outras entrevistas de história orais que nunca foram colocadas em arquivos e, em vez disso, estão se deteriorando nos porões e sótãos das pessoas. Assim, os investigadores devem confiar somente em repositórios públicos. Cada vez mais, as entrevistas são digitalizadas, especialmente nos Estados Unidos e na Austrália, e se tornaram mais facilmente acessíveis.

### Conclusão

Histórias orais como processos geradores de dados oferecem um rico conjunto de dados que podem e devem ser analisados e interpretados, a partir de várias perspectivas e com vista às múltiplas camadas de significado das entrevistas. A forma da fonte é tão importante quanto seu conteúdo, e ambos não podem ser separados (cf. BRANCO, 1987). Se considerarmos a utilidade de entrevistas arquivadas, pode ser proveitoso para os cientistas sociais reconsiderar a prática comum de usar a tecnologia de gravação de baixa qualidade e de destruir as entrevistas após a conclusão do projeto.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLISON, Fred H. Remembering a Vietnam War Firefight: Changing Perspectives Over Time. **Oral History Review**, v. 31, n. 2, p. 69-83, 2004.

AYRES, Marie-Louise et al. Bring the Stories to the People: Online Sound at the National Library of Australia. **National Library of Australia Staff Paper**, 2006. Disponível em: <http://www.nla.gov.au/nla/staffpaper/2006/documents/Mari-Louise.pdf>

BAUM, Willa K. **Transcribing and Editing Oral History**. Nashville: American Association for State and Local History, 1981/1977.

BORLAND, Katherine. “That’s Not What I Said.” Interpretative Conflict In Oral Narrative Research. In: GLUCK, Sherna Berger; PATAI, Daphne (Org.). **Women’s Words: The Feminist Practice of Oral History**. New York: Routledge, 1991. p. 63-75.

CUTLER, William III. Accuracy in Oral History Interviewing. In: DUNAWAY, David K.; BAUM, Willa K. (Org.). **Oral History: An Interdisciplinary Anthology**, 1996. Nashville, TN: American Association for State and Local History. 79-86.

FREUND, Alexander. Troubling Memories in Nation-building: World War II-Memories and Germans' Interethnic Encounters in Canada After 1945. **Histoire sociale/Social History**, v. 39, n. 77, p. 129-155, 2006.

FREUND, Alexander. A German Post-1945 Diaspora? German Migrants' Encounters with the Nazi Past. In: SCHULZE, Mathias et al. (Org.). **German Diasporic Experiences: Identity, Migration, and Loss**. Waterloo, Ontário: Wilfried Laurier University Press, 2008, p. 467-478.

FREUND, Alexander. Oral History in Canada: A Paradox. In: ERTLER, Klaus-Dieter; LUTZ, Hartmut (Org.). **Canada in Grainau: A Multidisciplinary Survey after 30 Years / Le Canada à Grainau: un survol multidisciplinaire 30 ans après**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2009.

FRISCH, Michael. A Shared Authority. **Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History**. Albany, NY: SUNY Press, 1990.

GLUCK, Sherna Berger; PATAI, Daphne (Org.). Women's Words. **The Feminist Practice of Oral History**. New York: Routledge, 1991.

GRELE, Ronald J. Movement Without Aim. Methodological and Theo-retical Problems in Oral History. In: GRELE, Ronald J. **Envelopes of Sound. The Art of Oral History**. Westport, CT: Greenwood, 1985/1975.

GRELE, Ronald J. On Using Oral History Collections: An Introduction. **The Journal of American History**, v. 74, n. 2, p. 570-578, 1987.

GRELE, Ronald J. Oral History As Evidence. In: CHARLTON, Thomas L.; MYERS, Lois E.; SHARPLESS, Rebecca (Org.). **Handbook of Oral History**. Lanham, MD: Altamira, 2006. p. 43-104.

GRENKE, Art. **The Formation and Early Development of an Urban Ethnic Community: A Case Study of the Germans in Winnipeg, 1872-1919**. 1975. Tese de doutorado - University of Manitoba.

GRENKE, Art. **The German Community in Winnipeg, 1872 to 1919**. New York: AMS Press, 1991.

JANOVICEK, Nancy. Oral History and Ethical Practice: Towards Effective Policies and Procedures. **Journal of Academic Ethics**, v. 4, p. 157-174, 2006.

LIBRARY OF CONGRESS. **American Memory**. 2008. Disponível em: <http://memory.loc.gov/ammem/index.html>

LORENZKOWSKI, Barbara. "Spies", "Saboteurs", and "Subversives": German-Canadian Internees and the Wartime Discourse at the Canadian Homefront, 1939-1945.



In: SAUER, Angelika E.; ZIMMER, Matthias (Org.). **A Chorus of Different Voices**. New York: Lang, 1998. p. 167-185.

MCMAHAN, Eva M. A Conversation Analytic Approach to Oral History Interviewing. In: CHARLTON, Thomas L.; MYERS, Lois E.; SHARPLESS, Rebecca (Org.) **Handbook of Oral History**. Lanham, MD: Altamira, 2006, p. 336-356.

MCMAHAN, Eva M.; ROGERS, Kim Lacy (Org.). **Interactive Oral History Interviewing**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1994.

MORRISSEY, Charles T. Why Call It "Oral History"? Searching for Early Usage of a Generic Term. **Oral History Review**, v. 8, p. 20-48, 1980.

MORTON, David L. **Sound Recording: The Life Story of a Technology**. Johns Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 2004.

National Library of Australia, Digital Collections, Audio (2008): Oral History and Folklore Collection - Preservation and Access: Digitisation of Audio Recordings. Disponível online em: <http://www.nla.gov.au/digicoll/audioprogress.html>.

NEUENSCHWANDER, John A. Oral History and the Law. 3ª ed. revisada e aumentada, Carlisle, PA: Oral History Association, 2002.

NEVINS, Allen. Oral History: How and Why It Was Born. **Wilson Library Bulletin**, v. 40, p. 600-601, 1966.

NOVICK, Peter (1999): The Holocaust in American Life. Boston: Houghton Mifflin Oral History Association (2000): Oral History Evaluation Guidelines. Panfleto nr. 3. Adotado em 1989, Revisado em Set. 2000. Disponível online em: [http://alpha.dickinson.edu/oha/pub\\_eg.html](http://alpha.dickinson.edu/oha/pub_eg.html). Acesso em 1 Nov. 2008.

ORAL HISTORY ASSOCIATION. **Principles and Standards of the Oral History Association**. 2002. Disponível Online em: [http://alpha.dickinson.edu/oha/pub\\_eg.html#Principles%20and%20Standards](http://alpha.dickinson.edu/oha/pub_eg.html#Principles%20and%20Standards). Acesso em 25 Out. 2008.

PASSERINI, Luisa. Work Ideology and Consensus under Italian Fascism. **History Workshop Journal**, v. 8, n. 1, p. 82-108, 1979.

POGUE, Forrest. Louis Starr: A Remembrance. **Oral History Review**, v. 8, p. 93-97, 1980.

PORTELLI, Alessandro. The Peculiarities of Oral History. **History Workshop Journal**, v. 12, n. 1, p. 96-107, 1981.

PORTELLI, Alessandro. The Death of Luigi Trastulli: Memory and the Event. In: PORTELLI, Alessandro. **The Death of Luigi Trastulli and Other Stories. Form and Meaning in Oral History**. New York: State University of New York Press, 1992, p. 1-26.

PORTELLI, Alessandro. **The Order Has Been Carried Out: History, Memory, and Meaning of a Nazi Massacre in Rome**. Basingstoke: Palgrave, 2003.

RIEMANN, Gerhard. A Joint Project Against the Backdrop of a Research Tradition: An Introduction into "Doing Biographical Research". **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, v. 4, n. 3, 2003. Retirado do site: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/666/1441>, acessado em 17/11/2008.

RITCHIE, Donald. **Doing Oral History: A Practical Guide**. 2ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2003.

SCHNEIDER, Richard I.; CANTOR, Norman F. **How to Study History**. Wheeling, IL: Harlan Davidson, 1986.

SHARPLESS, Rebecca. The History of Oral History. In: CHARLTON, Thomas L.; MYERS, Lois E.; SHARPLESS, Rebecca (Org.). **Handbook of Oral History**. Lanham, MD: Altamira, 2006, p. 19-42.

SMITH, Abby, ALLE, David Randal; ALLEN, Karen. **Survey of the State of Audio Collections in Academic Libraries**. Washington, DC: Council on Library and Information Resources), 2004. Disponível em <http://www.clir.org/pubs/reports/pub128/pub128.pdf>. Acessado em 31/10/2008.

THOMPSON, Paul. **The Voice of the Past. Oral History**. Oxford: Oxford University Press: 1978/2000.

THOMSON, Alistair; PERKS, Robert (Org.). **The Oral History Reader**. New York: Routledge, 1998/2006.

TOWNSEND, Robert B. AHA [American Historical Association] Statement on IRBs [Institutional Review Boards] and Oral History Research, Perspectives On-line, v. 46, n. 2. 2008. Disponível em <http://www.historians.org/perspectives/issues/2008/0802/0802aha1.cfm> Acessado em 2/11/2008.

USC Shoah Foundation Institute For Visual History And Education: **Testimonies Around the World, 2008**. Disponível em: <http://college.usc.edu/vhi/cms/testimoniesaroundtheworld.php>. Acessado em 01/11/2008.

WAGNER, Jonathan F. The Deutsche Zeitung für Canada: A Nazi Newspaper in Winnipeg. **Manitoba Historical Society Transactions**, v. 3, n. 33, 1976/77. Disponível em <http://www.mhs.mb.ca/docs/transactions/3/deutschezeitung.shtml#12>.

WAGNER, Jonathan F. **Brothers Beyond the Sea: National Socialism in Canada**. Waterloo, Ontário: Wilfrid Laurier University Press, 1982.

WHITE, Hayden. **The Content of the Form. Narrative Discourse and Historical Representation**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1987.

WILMSEN, Carl. For the Record: Editing and the Production of Meaning in Oral History. **Oral History Review**, v. 28, n. 1, p. 65-85, 2001.

YOUNG, Robert J. Hitler's Early Critics: Canadian Resistance at the Winnipeg Free Press. **Queen's Quarterly**, v. 106, n. 4, p. 578-587, 1999. Disponível em: <http://www.proquest.com.libproxy.uwinnipeg.ca>, Acessado em 19/11/2008.

YOW, Valerie R. **Recording Oral History: A Guide For the Humanities and Social Sciences**. Walnut Creek, CA: Altamira Press, 1994/2005.

YOW, Valerie R. "Do I like Them Too Much?" Effects of the Oral History Interview on the Interviewer and Vice-Versa. **Oral History Review**, v. 24, n. 1, p. 55-79, 1997.